



INCLUSÃO: AULAS DE LIBRAS (L2) PARA CRIANÇAS OUVINTES EM UMA ESCOLA INCLUSIVA NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Allisson Roberto Isidorio

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais – Libras, utilizada pela comunidade surda e também por ouvintes. A educação de surdos fortaleceu-se com a criação da primeira escola de surdos-mudos (INSM) em 1857. Neste sentido, o objetivo do presente estudo foi investigar aquisição de língua de sinais por crianças ouvintes. A inclusão de surdos nos estabelecimentos de ensino está acontecendo em todo território nacional, mas ainda necessita de práticas para uma verdadeira inserção de pessoas com surdez na educação regular, diante disso, justifica-se o ensino de Libras para alunos ouvintes em uma escola com caráter inclusivo. As aulas aconteciam no *Programa Mais Educação do MEC*, uma vez por semana. As avaliações dos alunos foram através de observação, mudanças de comportamento e uso de língua de sinais. As crianças já possuíam um conhecimento breve sobre língua de sinais, o que foi de grande valia para aprendizagem da mesma. Os alunos não apresentaram o bilinguismo expressivamente, contudo, demonstraram aprendizagem da língua de sinais, além disso, houve uma socialização entre crianças surdas e ouvintes e a utilização mais habitual da Libras entre eles. O presente estudo teve algumas limitações dentre elas, a falta de material didático e recursos pedagógicos.

Palavras-chave: Libras. Inclusão. Educação Especial. Mais Educação.

1



Introdução

A Língua Brasileira de Sinais – Libras, considerada forma de expressão e comunicação dos Surdos brasileiros (Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002), mas pouco conhecida entre os brasileiros. Neste sentido, descrever a história dos surdos e seus avanços e retrocessos é uma tarefa difícil (MONTEIRO, 2006). Houve uma época que a Libras era considerada apenas mímicas ou gestos soltos para facilitar a comunicação de surdos, entretanto despertava a curiosidade em educadores. A educação de surdos no Brasil fortaleceu com a criação, no Rio de Janeiro, da escola de surdos intitulada Instituto Nacional de Surdos-Mudos (atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES), com a promulgação da Lei de D. Pedro II assinada em 26 de setembro de 1857. No ano de 1880 seguindo o congresso de Milão, considerado um dos piores retrocessos pela comunidade surda que proibiu o uso de Língua de Sinais na educação de surdos, estabeleceu-se que Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM) teria que adotar uma conduta oralista em todas as disciplinas, mesmo com a proibição houve grande resistência por parte de alunos, ex-alunos, professores e funcionários (RAMOS. Editora Arara Azul, 2004).

Ensinar é uma tarefa difícil e quando se trata de uma língua requer tempo e dedicação até a fluência da mesma, o que pode variar de pessoa para pessoa. Ao longo dos anos foram desenvolvidas técnicas para o ensino de novas línguas com o objetivo de auxiliar interação de pessoas de línguas diferentes (LACERDA, CAPORALI e LODI, 2004), os autores em seu trabalho



também relatam sobre a falta de metodologia dos cursos de Libras, que geralmente são pautadas no ensino de sinais soltos, no qual o professor/instrutor ensina os sinais e os alunos repetem e dessa forma são elogiados ou corrigidos o que faz ocorrer grande desistência, pois não existe uma técnica contextualizada em que ao final os alunos sejam críticos e saibam diferenciar o uso de sinais em diferentes contextos.

O vocabulário de sinais básicos é o primeiro contato de aprendizes de língua de sinais como segunda língua² (doravante L2), além disso, é preciso dominar as estruturas gramaticais da Libras, pois possui todos os aspectos de uma língua. Os cursos de Libras ensinam vocabulário isolados excluindo aspectos linguísticos, parâmetros, classificadores, entre outros. O resultado dessa metodologia muitas vezes falha é que pessoas utilizam os sinais na mesma ordem da sua língua materna³ (doravante L1), desconsiderando aspectos já citados, o que na literatura usamos a expressão “português sinalizado” ou “*pidgin*” para rotular esses consecutivos erros.

Existem diversos estudos sobre metodologias do ensino de línguas (L2) e que são ou já foram utilizados em diferentes épocas, neste sentido, no Brasil

² Não objetivo do presente estudo discutir sobre as terminologias “segunda língua” “língua estrangeira” ou mais recente “língua adicional”, portanto será usado o termo “L2” para referir aquisição de língua diferente da língua materna.

³ Termo “L1” utilizado no presente estudo para referir a língua materna ou nativa, ou seja, primeira língua aprendida na infância que geralmente corresponde ao grupo étnico-linguístico em que está inserido.



foi desenvolvido um projeto pela pesquisadora Felipe (1993), intitulado “*Metodologia do ensino de LIBRAS para ouvintes*”, que mais tarde resultou no livro “*LIBRAS em Contexto – Curso Básico*”, tendo sua primeira publicação em 2001 e atualmente na sua 8ª edição, ainda sendo criticado pelo fato de não haver um esboço do que seria um método para ensino de Libras como L2, contudo, nos traz algumas observações acerca dos princípios básicos para aprendizagem de língua de sinais, dentre eles: evite falar durante as aulas, usar a escrita ou expressões corporais para se expressar, não tenha receio de errar, desperte a atenção e memória visuais, sempre fixe o olhar na face do emissor da mensagem, atente-se para tudo que está acontecendo durante a aula, demonstre envolvimento pelo que está sendo apresentado, comunique-se com seus colegas de classe, em Libras, mesmo em horário extraclasse ou em outros contextos e envolva-se com as comunidades surdas, esse último, de grande valia para pessoas que se interessam por Língua de Sinais pois, não basta apenas saber sinais é importante saber sobre a comunidade surda e movimentos sociais e políticos (FELIPE, 2001a; GESSER, 2010).

Na literatura é homogênea a opinião dos autores em relação ao ensino de língua de sinais. Segundo Pereira (2008) afirma que o mais cedo possível crianças surdas terem acesso a Língua de Sinais será melhor para seu desenvolvimento e menciona que um ensino de qualidade é um fator determinante, além disso, destaca que para difundir a Libras não apenas como primeira língua (L1) é preciso que realizem intervenções com o objetivo aprendizagem da Libras como segunda língua (L2) para ouvintes e profissionais ligados diretamente e indiretamente com a educação de surdos.



A possibilidade de crianças ouvintes conhecerem sobre a educação inclusiva, de surdos e a língua de sinais possibilitam reflexões sobre educação. Ao inserirmos o surdo em uma escola regular o professor também possui a missão de auxiliá-lo na socialização com outras crianças, é somente assim que realmente ele será incluído, diferente disso, ele será segregado e/ou excluído. Segundo Sá (2002) a importância da língua de sinais na construção da identidade surda, pelo valor que a língua tem como instrumento de comunicação, dentre outros fatores, de troca, de práticas reflexivas, de crítica e posicionamento perante a sociedade, neste contexto, é importante que os surdos vejam a surdez não como limitação, mas algo normal em sua vida e que pessoas ouvintes possam ajudar os surdos a quebrarem as barreiras da comunicação.

Neste sentido, o objetivo do estudo é ensinar Libras e demonstrar que é possível a aprendizagem de crianças ouvintes, apresentar de forma prática a comunicação de surdos e auxiliá-los na conquista da sua autonomia juntamente no processo de ensino-aprendizagem e enriquecer a literatura sobre surdos e sua comunicação.

Educação de Surdos

Em busca de garantir a igualdade educacional no sistema de ensino, A *Política Nacional de Educação* objetivou a construção de valores concretos e construtivo para a sociedade. Nos documentos oficiais, propõe uma série de



orientações a fim de sanar a exclusão no ambiente escolar e na sociedade de forma geral, para isso, defende que alunos independentes de suas diferenças e limitações sejam inseridos no ensino regular, organizando-o para que seja assegurado condições adequadas para um processo igualitário a todos em seus diferentes níveis de ensino (BRASIL, 2008). Neste sentido, segundo Skliar (1999) a educação de surdos está unicamente inserida nessa Educação Especial, contudo, essa educação refere-se apenas a diferença linguística e sociocultural entre eles e ouvintes, reiterando a necessidade de grandes evoluções para que realmente aconteça uma educação inclusiva, dentre essas mudanças podemos citar a educação bilíngue para surdos. Para que tal educação desenvolva-se, o documento cita:

Para o ingresso dos alunos surdos nas escolas comuns, a educação bilíngue – Língua Portuguesa/Libras desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola (BRASIL, 2008, p. 11).

No Brasil ainda possuí uma educação oralista – nome dado às abordagens que enfatizam a fala e à amplificação da audição e que rejeitam de maneira explícita e rígida qualquer uso da língua de sinais - tradicional para surdos, o que é um fracasso que se arrasta por anos e assemelha com a



história dos surdos no contexto geral. Condenados ao um analfabetismo funcional, por muitas vezes são impedidos do acesso ao ensino superior, privados da informação e conseqüentemente deixando de exercer sua cidadania, o que se propaga para a educação que é oferecida, com características tradicionais, desconsiderando sua língua, cultura e identidades, tudo para supervalorizar a voz, neste sentido, defensores da Libras (L1) creem que dominar uma língua pode garantir melhores resultados recursos para cadeias neurais que envolvem o processo cognitivo, ou seja, o objetivo é garantir o domínio de língua de sinais para possivelmente ter bases solidas ao desenvolvimento cognitivo do sujeito (SÁ, 2002).

Documentos internacionais destacam a importância do professor em respeitar e difundir sobre as “novas” práticas educacionais que envolvem a educação especial, contudo, no Brasil a falta de preparo de professores é um dos grandes desafios e como consequência tem muitas vezes o insucesso no processo escolar (MICHELS, 2006). Responsáveis por mediação instrumental, o professor, o intérprete e os demais funcionários da escola têm por finalidade direcionar tanto a criança surda ou ouvinte, indiferentes a suas deficiências e limitações, a provocar a movimentação da sua zona de desenvolvimento, que por sua vez, irá ajudá-lo a criar autonomia para resolver sozinho o que não conseguia anteriormente. É necessário que o professor e o intérprete busquem formação especializada para que essa educação bilíngue desenvolva-se dentro do ambiente escolar (MARQUES, R., *et al.*, 2013).



Programa Mais Educação

O Programa Mais Educação instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007, de 24/04/2007, que envolve diversos Ministérios dentre eles o da Educação, Esporte, Desenvolvimento Social e Combate à Fome, da Cultura, o da Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. A constituição Federal de 1988; a LDB nº 9.394/96; o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 e o Plano Nacional de Educação, Lei nº 10.172 (Diretrizes do Ensino Fundamental) são alguns dos documentos oficiais que amparam e justificam a implementação do *Programa Mais Educação*. Geralmente a área de atuação do programa são capitais e regiões metropolitanas, e microrregiões que possui pessoas em situações de vulnerabilidade social e escolas de baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB (FARIA, 2012). Caracterizado por desenvolver diálogos e a interdisciplinaridade, utilizar de saberes locais, a busca por uma boa relação professor-aluno, estabelecer vínculo com a comunidade escolar, além de possuir em suas diretrizes programas de saúde, cultura, esporte e direitos humanos, com parcerias entre município e estado para efetivar e promover uma verdadeira educação integral (FIEGENBAUM e LEMES, 2016).

A Escola Municipal Maria Rodrigues Barnabé, localizada na cidade de Ipatinga/MG há mais de 20 anos possui um caráter de escola inclusiva, é neste estabelecimento de ensino que a Secretaria Municipal de Educação possui o maior número de surdos, além de outras crianças com diferentes necessidades



especiais, além disso, atende cerca de 100 alunos no *Programa Mais Educação*. Tendo em vista a presença de surdos na sala de aula é o que nos faz refletir sobre as práticas inclusivas. Atualmente no ano letivo de 2016 a escola possui matriculados 16 alunos surdos em diferentes níveis de ensino. Todos os alunos que frequentam o *Programa Mais Educação* têm contato com os mesmos, seja dentro da sala de aula ou em intervalos e/ou momentos de interação, ou seja, justificado a necessidade do ensino de Língua de Sinais as crianças ouvintes.

Métodos

O presente estudo teve como base para investigação a observação participante e avaliação individual, ou seja, o pesquisador aplicou todas as aulas e avaliou para analisar as mudanças de comportamento dos alunos em relação ao uso de língua de sinais. Todos os alunos são regularmente matriculados e frequentes no *Programa Mais Educação*, sendo critério de inclusão ou exclusão para processo de avaliação. As aulas aconteciam uma (01) vez por semana, com duração de 01:30hs. O programa atendia cerca de 50 alunos em cada turno – matutino e vespertino dividido da seguinte forma: 1º Turma: 2º e 3º ano, 2º Turma: 4º e 5º ano, com alunos entre 7 a 12 anos. O processo de avaliação foi efetivado através da observação dos alunos durante as aulas, a participação nas diferentes tarefas e na motivação na execução de sinais quando era proposto. As aulas eram divididas em três partes, sendo a primeira parte um momento sobre a comunidade surda, aspectos linguísticos e gramática da Libras, a segunda para o ensino de sinais divididos por



tema/assunto e a terceira em criação de diálogos, dinâmicas e em atividades que exigiam memorização. Foram no total 20 aulas, totalizando 30 horas/aula. Todas as crianças possuíam um documento assinado pelos pais sobre o uso direito de imagem, contudo, foram preservadas as identidades dos alunos.

Resultados e Discussão

No Brasil existe uma falta de interesse por partes dos pesquisadores em investigar o ensino de língua de sinais como segunda língua, neste contexto, é difícil encontrar na bibliografia pesquisas relacionadas sobre o tema. Segundo Pizzio e Quadros (2011) consultando os resumos do TISLR 96⁴, pesquisas publicadas na área de Libras, encontraram apenas uma de 112 que estavam listados mencionando em seu título Libras com L2 isso confirma a falta de interesse de estudiosos na área no processo de aprendizagem de língua de sinais por pessoas ouvintes, tendo em vista que são elas que buscam aprender língua de sinais por diversos motivos.

As línguas podem ser aprendidas como L2 por meio de metodologias variadas, contudo, o momento em que a língua é introduzida na nossa aprendizagem pode ser um fator determinante na aquisição da mesma. Bebês podem aprender língua de sinais desde que possui pais surdos, o que ocorrerá

⁴ TISLR 96 – Theoretical in Sign Language Research é o congresso internacional área de linguística das línguas de sinais. Sua 9^o edição foi aqui no Brasil, em Florianópolis, Santa Catarina. em 2006.

de forma simultânea o uso e aquisição da mesma, o que é denominado bilinguismo bimodal. Neste sentido, crianças também possui total capacidade de aprender língua de sinais como L2 na escola mesmo depois de adquirirem a sua língua materna e por último os adultos, que ocorre com mais frequência, dentre os motivos; profissionais, como professores, fonoaudiólogos, intérpretes, entre outros (MAYBERRY, 2005 *apud* Pizzio e Quadros, 2011).

O presente estudo investigou a aquisição de Língua de Sinais por crianças ouvintes em uma escola municipal na cidade de Ipatinga/MG, todas as crianças apresentaram boa aceitação da Libras, o que foi um fator positivo para a aprendizagem da mesma. Contudo, não apresentaram de forma expressiva o



bilinguismo, mas demonstrando aprendizagem significativas de sinais básicos em diferentes contextos, houve melhora na comunicação e socialização de surdos e ouvintes, o que corrobora com o estudo de Roa (2012), que avaliou o processo de aprendizagem de língua de sinais com crianças ouvintes e concluiu que no fim das aulas as crianças não dominavam a Libras de forma expressiva, mas a pesquisadora percebeu que houve uma melhora na socialização dos alunos ouvintes e surdos, além do uso de língua de sinais dentro da sala aconteceu de forma mais habitual o que possibilitou a comunicação de todos.

Figura 01 - Aluno realizando a datilologia do nome durante a aula. Imagem do presente estudo.

Um estudo realizado com crianças surdas e ouvintes na educação infantil após algumas aulas de Libras percebeu-se o aumento na frequência de uso de sinais entre os alunos. Outro fator importante foi que o emprego de alguns sinais em Libras por crianças ouvintes ao se



Figura 02: Professor durante a aula ensinando o sinal de dançar em Libras. Imagem do presente estudo.

comunicarem com outras ouvintes, mesmo com forma oral, elas também realizavam os sinais, o que é considerado importante, pois são sintomas da aquisição da Libras, além de conseguirem utilizar os sinais contextualizados, corroborando com o presente estudo, onde percebeu-se a mesma condição entre os alunos ouvintes (MARQUES, R., *et al.*, 2013). Alguns aspectos considerados importantes na aquisição de uma segunda língua e que foi uma das preocupações durante as aulas é a metodologia, incluir estratégias para maximizar a aprendizagem da mesma. Fatores esses que são citados no estudo de Santos, Melo e Carvalho (2013), que mencionam diversas estratégias para aquisição de língua de sinais por ouvintes para diminuir erros comuns e desassociar as línguas orais, das de sinais, pois cada uma possui sua própria estrutura gramatical. Outro aspecto importante é a destreza e



fluência, que pode ser trabalhada através da utilização de jogos, dinâmicas e atividades práticas. Os jogos possuem um papel fundamental, um estudo realizado em Viçosa/MG em uma escola de ensino fundamental I. Após intervenções para difundir a Libras para os alunos, concluíram que através dos jogos e brincadeira possibilitou-se que os mesmos desenvolvessem aspectos linguísticos, cognitivo, psicomotor, intelectual, e sociocultural, tanto as crianças surdas e ouvintes, deste modo, as atividades de caráter lúdico alcançou o objetivo de socialização e aprendizagem da língua de sinais (CARVALHO, AMBRÓSIO, *et al.*, 2013). Diante dos fatos, são utilizadas diversas formas para aquisição da Libras tanto para surdos e ouvintes, o uso de estratégias como dinâmicas e jogos auxilia na participação dos alunos durante as aulas, o objetivo dessa metodologia é que os alunos se sintam mais livres e confortáveis no uso dos sinais, também contribuindo em outros fatores importantes na comunicação com surdos, além disso, autora cita que a Libras necessita do aprendizado de características gramaticais, para uso de estratégias exclusiva das línguas de sinais, dentre elas, a iconicidade, a simultaneidade e as expressões faciais (NEVES, 2011).

Um estudo realizado com adultos ouvintes e a aquisição da LIBRAS, bem como sua escrita. A pesquisadora percebeu que houve conflitos entre a língua materna, tanto falada, quanto no momento de transcrevê-la (ALBRES, 2012), também avaliando adultos ouvintes em um curso de licenciatura na disciplina de Libras, as autoras perceberam que grande parte dos alunos teve dificuldade de separar da língua portuguesa e apropria-se da estrutura gramatical da Libras, concluindo que a até o final das aulas, construía frases



utilizando a base gramatical do Português, o que podemos chamar de português sinalizado ou *pidgin* (OLIVEIRA, CHIOTE e XAVIER, 2012). Os dois estudos corroboram com a presente pesquisa, durante algumas aulas sobre morfologia e sintaxe, juntamente com atividades práticas de Libras, observou-se que os alunos confundiam com sua L1 e muitas vezes organizavam os sinais da mesma forma que falavam.

Como mencionado, o “português sinalizado” ou “*pidgin*” é a mistura de aspectos linguísticos de duas línguas, no presente estudo a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). É uma forma encontrada por principiantes para traduzir cada sinal em uma palavra, considerando o português como base gramatical, o que dificulta a compreensão dos surdos (SEGALA, 2010). Não foram encontrados na literatura estudos que discordassem dos resultados da presente pesquisa.

Conclusão

As crianças participaram efetivamente das aulas, além de todas apresentarem aspectos positivos de aprendizagem. Observou-se que a maioria dos alunos aproximou dos surdos, confirmando a hipótese que a língua é uma barreira na comunicação. Nenhum aluno apresentou de forma expressiva o bilinguismo, contudo, sabiam executar sinais próprios, apresentação pessoal e sinais básicos do cotidiano, além de saberem alguns termos da comunidade surda e língua de sinais. Neste sentido, ressalto a importância da inserção da Libras como disciplina curricular obrigatória em



escolas, pois é uma língua e necessita de prática e estudos para aquisição da mesma.

Alguns alunos depois das aulas ainda realizavam sinais na mesma ordem que sua L1, o que pode ser considerado normal devido a quantidade de aulas, o primeiro contato com língua de sinais, contudo, considerado importante, pois são sintomas da aquisição de língua de sinais. Deste modo, o estudo enriqueceu a literatura, pois existem poucas investigações acerca do tema, sendo necessários trabalhos mais profundos sobre esse processo de aquisição de língua de sinais por ouvintes.

O presente estudo teve limitações, uma delas é a falta de material didático para os alunos estudarem extraclasse. As línguas de sinais utilizam de características espaço-visual necessitando, às vezes, de material multimídia para explorar todos os parâmetros. Sugere-se novas pesquisas em diferentes áreas da linguística da língua brasileira de sinais e também no processo de aquisição de Libras por pessoas ouvintes, justificando-se para uma melhor educação de surdos e interação no contexto social.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. D. A. Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. *ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 125-149, 2012. ISSN 1678-8931.



- CARVALHO, J. D. G. et al. Ensino-aprendizagem de Língua Brasileira de Sinais para crianças. Revista de C. Humanas, Viçosa, v. 13, n. 2, p. 316-326, Jul-Dez 2013.
- FARIA, T. C. L. D. Reflexões sobre a implantação do programa mais educação na rede municipal de ensino do Natal, RN. Revista Científica das Escolas de Comunicação e Artes e Educação, Potiguar, Maio 2012. 25-37.
- FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. LIBRAS em contexto - curso básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001a.
- FIGENBAUM, R.; LEMES, E. S. O Programa Mais Educação e a crítica da mídia: desafios e potencialidades. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 41-49, Jan-Jul 2016.
- LACERDA, C. B. F. D. L.; CAPORALI, S. A.; LODI, A. C. Questões preliminares sobre o ensino de língua de sinais a ouvintes: reflexões sobre a prática. Distúrbios da Comunicação, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 53-63, Abril 2004.
- MARQUES et al. O Ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil para Crianças Ouvintes e Surdas: Considerações com Base na Psicologia Histórico-Cultural. Rev. Bras. Ed. Esp, Marília, v. 19, n. 4, p. 503-518, Out-Dez 2013.
- MARQUES, H. D. C. R. M.; BARROCO, S. M. S.; SILVA, T. D. S. A. D. O ensino da língua Brasileira de sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na psicologia histórico-cultural. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 19, n. 4, p. 503-517, Out-Dez 2013. ISSN 1413-6538.
- MICHELS, M. H. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. Revista Brasileira de Educação, Set-Dez 2006. 406-560.
- MONTEIRO, M. S. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. ETD - Educação Temática Digital. Campinas , p. 292-302. 2006. (ISSN 1676-2592).
- NEVES, S. L. G. Um estudo dos recursos dadáticos dos recursos nas aulas de língua de brasileira sinais para ouvintes, (Dissertação de Mestrado em Educação) - Faculdade Ciências Humanas. Universidade Metodista de Paracibaba, São Paulo, 19f 2011.
- OLIVEIRA, I. M. D.; CHIOTE, F. D. A. B.; XAVIER, K. S. Apropriação de conhecimento sobre LIBRAS em cursos de licenciatura: professor surdo e alunos ouvintes. Cadernos de Pesquisa em Educação , Vitória, v. 18, n. 36, p. 105-131, Jul - Dez 2012.



- _____. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 12 Ago. 2016.
- PEREIRA, M. C. P. Reflexões a partir da observação de uma aula de língua de sinais brasileira como primeira língua. Revista Eletrônica de Lingüística, Uberlândia, v. 2, n. 2, 2008.
- RAMOS, C. R.; AZUL, D. E. D. E. A. LIBRAS: a língua de sinais dos surdos brasileiros. Revista Virtual de Cultura Surda, 2004.
- ROA, M. C. I. LIBRAS como segunda língua para ouvintes: avaliação de uma proposta educacional. (Dissertação de Mestrado) - Ciências Humanas, São Paulo, 2012.
- SÁ, N. R. L. D. Cultura, Poder e Educação de Surdos. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2002.
- SANTOS, I. B. D. et al. O ensino da Libras na educação infantil, minhas vivência diárias. Revista Letra e Ideias, João Pessoa, v. 1, n. 1, Fev 2013.
- SEGALA, R. R. Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. 2010. 74f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Escola de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- SKLIAR, C. Atualidade da educação bilíngüe para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.



IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR



ALLISSON ROBERTO ISIDORIO

Técnico administrativo na Prefeitura Municipal de Ipatinga.
Graduado em Educação Física – Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (Unileste)
Especialista - Docência em Língua Brasileira de Sinais / Libras
Docente na região do Vale do Aço – MG
Tradutor / Intérprete de Libras
E-mail: allisson_1993@live.com